FGV | DIRETORIA INTERNACIONAL
INSTITUTO BRASILEIRO
DE ECONOMIA (IBRE)

SONDAGEM ECONÔMICA
América Latina

2º TRIMESTRE DE 2025 | AGOSTO 2025

PEQUENA RECUPERAÇÃO NO CLIMA ECONÔMICO DA AMÉRICA LATINA

SOBRE A SONDAGEM ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA

A Sondagem Econômica da América Latina é uma publicação da Fundação Getulio Vargas (FGV) que monitora e antecipa as tendências econômicas na região. Desde 1994, centenas de especialistas são consultados trimestralmente em mais de 10 países da América Latina, gerando informações que subsidiam a tomada de decisão nos setores público e privado.

O Indicador de Clima Econômico (ICE) da América Latina é o principal indicador da Sondagem. Ele é composto por dois quesitos: o Indicador da Situação Atual (ISA), que apresenta a situação econômica atual dos países, e o Indicador de Expectativas (IE), que prevê a situação econômica nos próximos seis meses. A escala dos indicadores varia de 0 a 200 pontos, sendo a marca de 100 pontos o limiar entre condições econômicas favoráveis e desfavoráveis.

A Sondagem também monitora a projeção de crescimento do PIB dos países latino-americanos. A cada nova edição da Sondagem, a projeção de crescimento das economias regionais é atualizada.

Concluindo a Sondagem, incluímos em cada edição uma seção com enquetes especiais com consultas sobre eventos com potencial de impactar as economias regionais, a exemplo de eleições, instabilidades políticas e econômicas, eventos climáticos, comércio e política internacional.

A seguir, você encontrará:

Seção 1	Resumo executivo	p.2
Seção 2	Indicador de Clima Econômico da América Latina	p.5
Seção 3	Indicador de Clima Econômico da América Latina por país	p.6
Seção 4	Principais problemas da região	p.8
Seção 5	Especial – Avançando na compreensão dos impactos da “Agenda Trump”	p.10

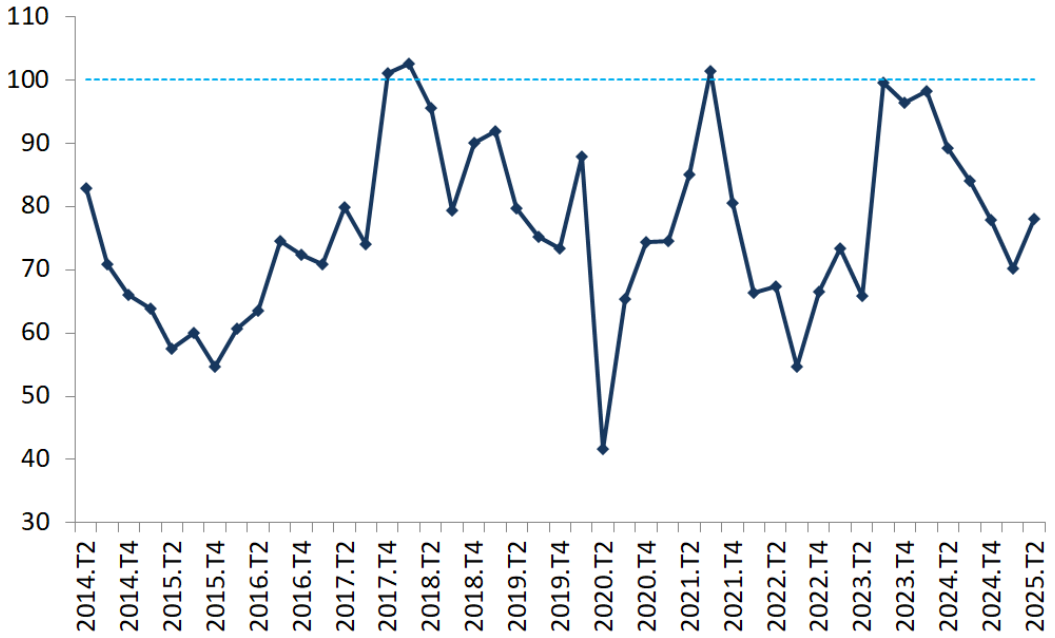
SEÇÃO 1: Resumo Executivo

Pequena recuperação no Clima Econômico da América Latina no 2º trimestre de 2025

O Indicador de Clima Econômico

Indicador de Clima Econômico (ICE) da América Latina interrompeu, no 2º trimestre de 2025, a trajetória de deterioração observada desde o início de 2024, ao atingir 78,1 pontos – alta de 7,9 pontos em relação ao 1º trimestre. No acumulado de 12 meses, porém, ainda registra queda de 11,1 pontos, sinalizando o agravamento do ambiente econômico regional ao longo do último ano (gráfico 1).

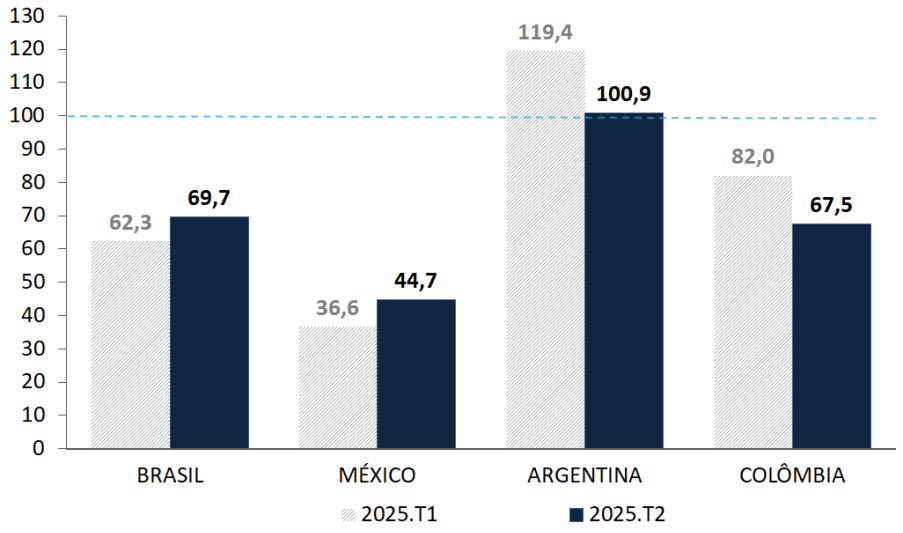
Gráfico 1: Indicador de Clima Econômico da América Latina (em pontos)



Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

O trimestre foi marcado por dinâmicas econômicas contrastantes entre as principais economias da região (gráfico 2). Houve recuperação moderada do ICE no Brasil (+7,4 pontos, para 69,7) e no México (+8,1 pontos, para 44,7), enquanto Argentina (-18,5 pontos, para 100,9) e Colômbia (-14,5 pontos, para 67,5) apresentaram recuos mais acentuados.

Gráfico 2: Indicador de Clima Econômico da América Latina – Principais economias da região (em pontos)

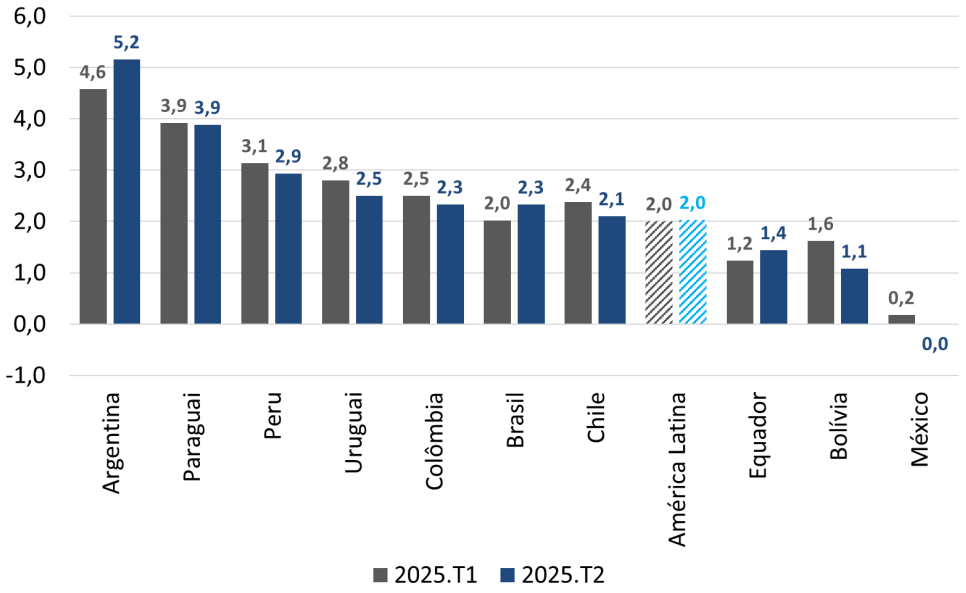


Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

Previsões de Crescimento do PIB em 2025

Em relação às projeções de crescimento do PIB, a expectativa para 2025 continua sendo de desaceleração em relação à expansão de 2,4% registrada em 2024 (FMI, abr/25). A estimativa para o crescimento da América Latina permanece em 2,0%, conforme projetado no início do ano (gráfico 3). Entre as principais mudanças, destacam-se revisões positivas para Argentina e Brasil e, no campo negativo, a perspectiva de que a economia mexicana possa se aproximar de uma recessão.

Gráfico 3: Projeção para o crescimento do PIB (2025)



Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

A Sondagem do 2º trimestre já capta os primeiros impactos da chamada "Agenda Trump", cujos efeitos, relevantes e heterogêneos, sobre as economias da região serão detalhados na Seção Especial ao final deste relatório.

Os principais problemas da região – 2º trimestre de 2025

Seguindo o padrão das publicações do 2º trimestre, a pesquisa também identificou os principais entraves ao crescimento econômico regional. Um panorama inicial das respostas é apresentado a seguir, com análise detalhada na Seção 4 deste relatório.

Gráfico 4: Uma visão geral dos principais problemas da região

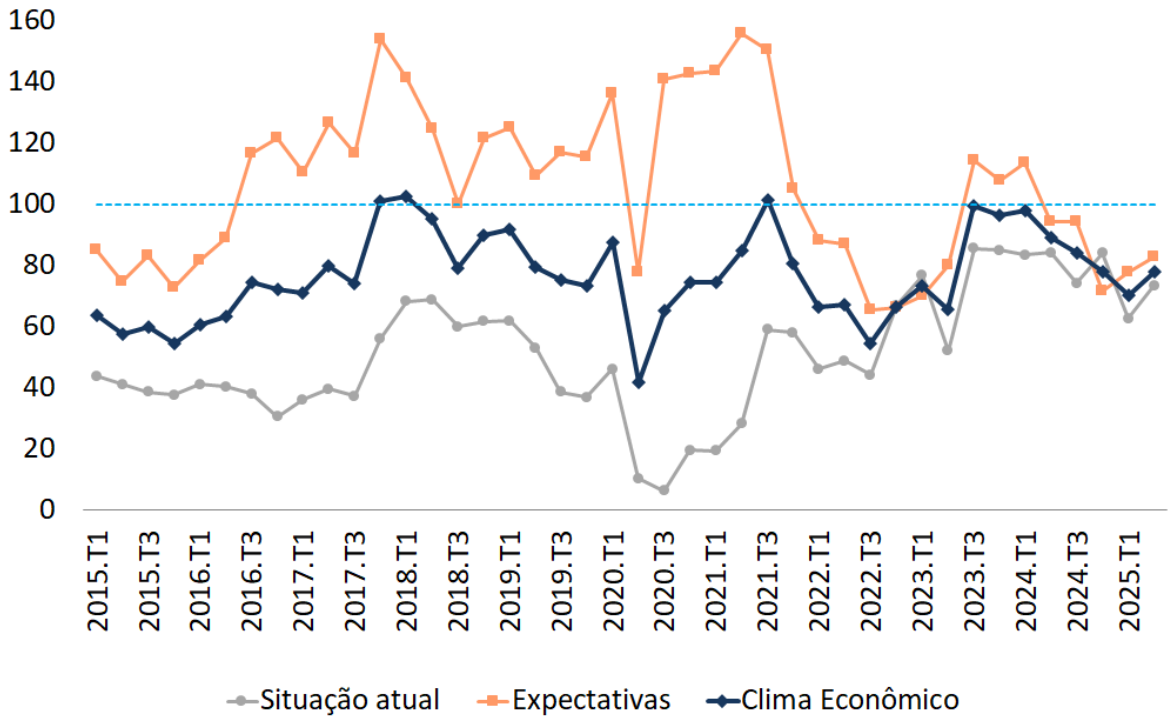
Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

SEÇÃO 2: Indicador de Clima Econômico da América Latina

O ICE da região interrompeu a tendência de queda observada desde o início de 2024. No 2º trimestre de 2025, a melhora foi distribuída entre seus componentes: o Indicador de Situação Atual (ISA) avançou para 73,4 pontos (+10,6 em relação ao trimestre anterior), enquanto o Indicador de Expectativas (IE) chegou a 82,9 pontos (+5,1 no mesmo período).

É importante notar que, a despeito da melhora, ambos os indicadores ainda se encontram em terreno desfavorável – com leituras inferiores a 100 pontos (gráfico 5). O IE segue em patamar historicamente deprimido e o ISA, a despeito da melhora frente ao observado há alguns anos, segue abaixo do patamar de neutralidade. Há preocupação não somente com a situação atual, mas também com o futuro econômico da região.

Gráfico 5: Indicador de Clima Econômico da América Latina – Principais aberturas (Situação Atual e Expectativas, em pontos)

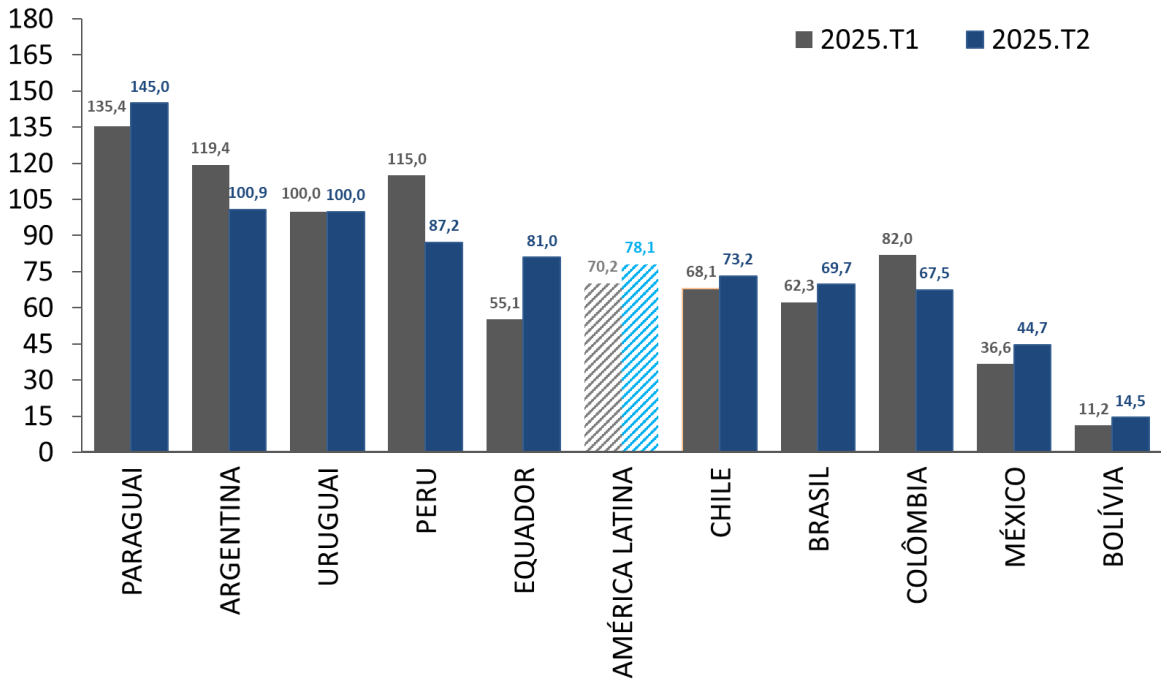


Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

SEÇÃO 3: Indicador de Clima Econômico da América Latina por país

O ICE considera dez países latino-americanos, refletindo realidades e desafios heterogêneos. No 2º trimestre de 2025, o comportamento das maiores economias evidenciou essa diversidade: Brasil e México apresentaram melhora, enquanto Argentina e Colômbia registraram piora em relação ao início do ano. Essa variedade de dinâmicas se torna ainda mais clara ao analisar o conjunto completo de países (gráfico 6). Além dos grandes mercados, destacaram-se os avanços de Paraguai e Equador e a contração mais acentuada no Peru.

Gráfico 6: Indicador de Clima Econômico da América Latina – Principais países (em pontos)



Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

A tabela 1 detalha o desempenho do ISA e do IE. O ICE subiu em sete dos dez países analisados, mas apenas em Paraguai e Argentina permaneceu acima de 100 pontos. Mesmo com a recuperação, o cenário econômico regional continua desafiador

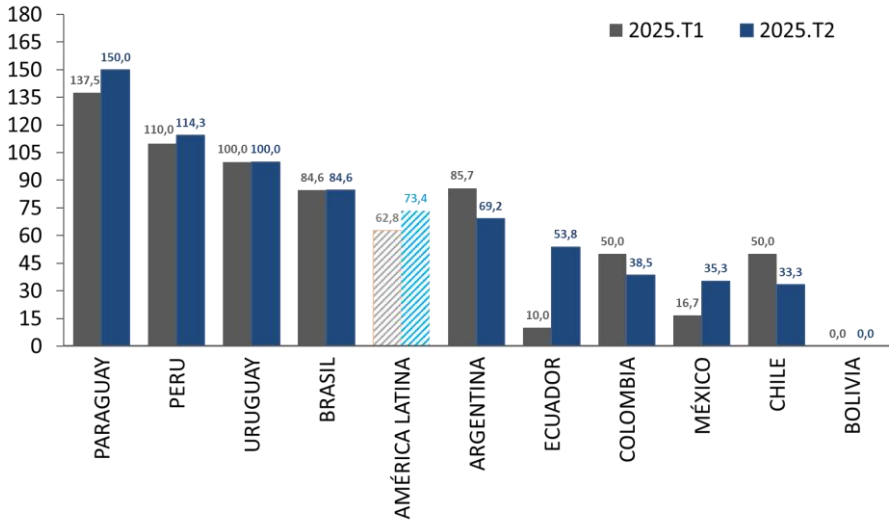
Tabela 1: Indicador de Clima Econômico da América Latina – Principais aberturas, países selecionados (em pontos)

	ICE		ISA		IE	
	2025.T2	2025.T2 vs. 2025.T1 (pontos)	2025.T2	2025.T2 vs. 2025.T1 (pontos)	2025.T2	2025.T2 vs. 2025.T1 (pontos)
Paraguai	145,0	9,6	150,0	12,5	140,0	6,7
Argentina	100,9	-18,5	69,2	-16,5	136,4	-20,7
Uruguai	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0
Peru	87,2	-27,8	114,3	4,3	62,5	-57,5
Equador	81,0	25,9	53,8	43,8	111,1	1,1
Chile	73,2	5,1	33,3	-16,7	120,0	32,5
Brasil	69,7	7,4	84,6	0,0	55,6	13,9
Colômbia	67,5	-14,5	38,5	-11,5	100,0	-18,2
México	44,7	8,1	35,3	18,6	54,5	-3,8
Bolívia	14,5	3,3	0,0	0,0	30,0	6,9
América Latina	**78,1**	**7,9**	**73,4**	**10,6**	**82,9**	**5,1**

Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

O ISA cresceu em quatro economias, com destaque para Equador (+43,8 pontos). Apenas Paraguai e Peru registraram ISA em terreno positivo. O avanço do México (+18,6 pontos) e a estabilidade do Brasil foram decisivos para a alta de 10,6 pontos do ISA regional, que chegou a 73,4 pontos no 2º trimestre de 2025 (gráfico 7). O ambiente, porém, permanece volátil, em grande parte devido às mudanças nas políticas externas da administração Trump, especialmente nas agendas comercial e migratória, que aumentam a incerteza. Assim, a melhora do ISA deve ser interpretada com cautela, pois pode ser revertida nos próximos trimestres.

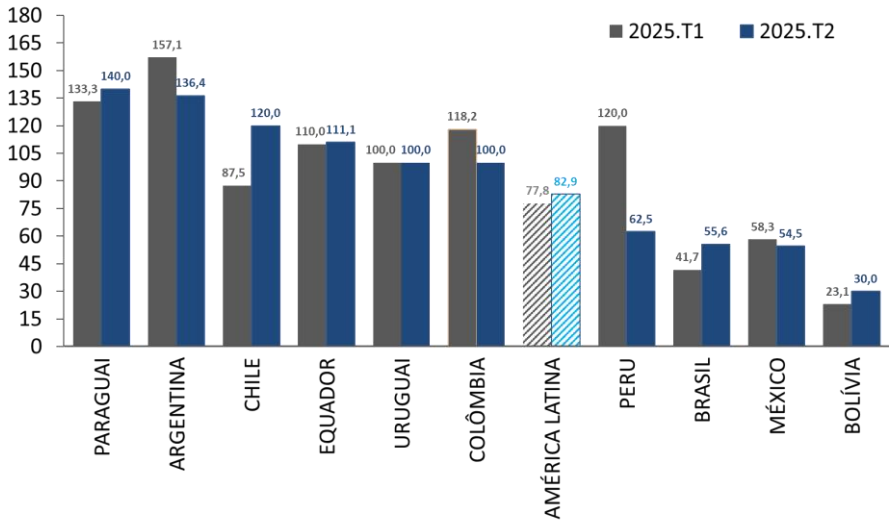
Gráfico 7: Indicador de Situação Atual – Principais países (em pontos)



Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

O IE avançou em cinco países, manteve-se estável em dois (Equador e Uruguai) e caiu nos demais. O destaque positivo foi o Chile (+32,5 pontos), enquanto o Peru teve a maior queda (-57,5 pontos). O aumento de 5,1 pontos do IE regional, para 82,9 pontos, evidencia a incerteza prospectiva, ainda que o indicador se mantenha acima de 100 pontos em quatro economias (gráfico 8).

Gráfico 8: Indicador de Expectativas – Principais países (em pontos)



Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

Os efeitos das tensões externas geradas pelos EUA tendem a impactar o IE de forma mais intensa que o ISA. Dependendo da evolução dos próximos meses, pode ocorrer uma mudança estrutural nos cenários econômicos de países mais expostos aos EUA. Paralelamente, a aproximação crescente com a China pode agravar tensões com Washington. Nesse contexto, Brasil, Chile, Colômbia e Peru se encontram em posição mais vulnerável que Argentina e México, relativamente mais alinhados aos interesses americanos.

SEÇÃO 4: Os principais problemas da região

Na pesquisa do 2º trimestre, a Sondagem identificou a percepção dos respondentes sobre os principais entraves ao crescimento econômico da América Latina. Foram avaliadas 15 questões relacionadas a aspectos econômicos e institucionais. As respostas variam de 0% a 100%, sendo que valores acima de 50% indicam relevância do fator, enquanto pontuações inferiores sugerem baixa prioridade no momento.

A tabela 2 está ordenada segundo a importância atribuída a cada questão para a América Latina. Dos 15 problemas listados, 8 apresentaram pontuação superior a 50%, sugerindo relevância. A inadequação da infraestrutura, a falta de inovação e a instabilidade política foram os entraves mais lembrados pelos respondentes.

As diferenças entre países são significativas. No caso da infraestrutura, por exemplo, Chile e Uruguai – com estruturas mais desenvolvidas – não consideram o tema um obstáculo relevante, ao contrário do observado em economias com deficiências mais marcantes.

Tabela 2: Principais problemas da região – países selecionados (% dos respondentes que apontaram o quesito)

Problemas	América Latina	Argentina	Bolivia	Brasil	Chile	Colômbia	Equador	México	Paraguai	Peru	Uruguai
Infraestrutura inadequada	**93,5**	100,0	83,3	100,0	33,3	100,0	88,9	92,9	83,3	100,0	40,0
Falta de inovação	**91,5**	80,0	83,3	91,7	100,0	100,0	88,9	92,9	66,7	90,9	100,0
Instabilidade política	**84,2**	40,0	100,0	88,9	100,0	100,0	100,0	100,0	66,7	100,0	0,0
Barreiras legais e administrativas para os investidores	**81,8**	100,0	91,7	83,3	66,7	100,0	77,8	25,0	33,3	54,5	80,0
Falta de confiança na política econômica	**79,4**	33,3	100,0	100,0	66,7	100,0	66,7	78,6	16,7	90,9	0,0
Falta de competitividade internacional	**76,9**	30,0	58,3	83,3	100,0	90,0	87,5	46,2	40,0	100,0	100,0
Clima desfavorável para os investidores estrangeiros	**68,0**	70,0	100,0	58,3	75,0	100,0	77,8	76,9	33,3	80,0	25,0
Falta de mão de obra qualificada	**58,6**	30,0	100,0	58,3	75,0	80,0	87,5	38,5	16,7	90,9	0,0
Gerenciamento ineficiente da dívida	**49,9**	10,0	100,0	63,6	33,3	70,0	88,9	53,8	0,0	18,2	0,0
Aumento das desigualdades de renda	**49,7**	20,0	100,0	50,0	33,3	81,8	100,0	78,6	0,0	36,4	0,0
Falta de capital	**49,4**	80,0	100,0	33,3	33,3	90,0	88,9	76,9	33,3	18,2	60,0
Corrupção	**48,2**	70,0	50,0	33,3	75,0	40,0	66,7	53,8	50,0	63,6	20,0
Barreiras às exportações	**35,3**	70,0	100,0	16,7	0,0	40,0	55,6	92,3	16,7	45,5	75,0
Demanda insuficiente	**22,6**	70,0	50,0	0,0	66,7	10,0	77,8	46,2	0,0	9,1	60,0
Falta de credibilidade da política do Banco Central	**22,4**	40,0	100,0	25,0	0,0	10,0	33,3	15,4	0,0	0,0	20,0

Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

Os respondentes também foram convidados a ordenar suas principais preocupações entre os fatores avaliados. A tabela 3 apresenta os três maiores entraves ao crescimento, por país e para a região como um todo, indicando o percentual de respondentes que apontaram cada item. Destacam-se como temas recorrentes a falta de confiança nas políticas econômicas, a inadequação da infraestrutura e a instabilidade política, ainda que com variações conforme as especificidades de cada país – refletindo a persistente heterogeneidade regional.

Tabela 3: Principais problemas da região – países selecionados (ordenamento das respostas, % dos respondentes)

	Principal problema	%	Segundo principal problema	%	Terceiro principal problema	%
Argentina	Barreiras legais e administrativas para os investidores	70,0	Falta de mão de obra qualificada	30,0	Falta de capital	30,0
Bolivia	Falta de confiança na política econômica	66,7	Falta de mão de obra qualificada	58,3	Falta de credibilidade da política do banco central	50,0
Brasil	Falta de confiança na política econômica	83,3	Instabilidade política	41,7	Falta de competitividade internacional	41,7
Chile	Instabilidade política	50,0	Falta de mão de obra qualificada	50,0	Clima desfavorável para os investidores estrangeiros	50,0
Colômbia	Falta de confiança na política econômica	63,6	Falta de mão de obra qualificada	45,5	Infraestrutura inadequada	45,5
Equador	Instabilidade política	44,5	Aumento das desigualdades de renda	33,3	Falta de confiança na política econômica	33,3
México	Infraestrutura inadequada	64,3	Instabilidade política	50,0	Falta de confiança na política econômica	50,0
Paraguai	Infraestrutura inadequada	83,3	Instabilidade política	33,3	Falta de competitividade internacional	33,3
Peru	Instabilidade política	90,9	Falta de confiança na política econômica	72,7	Falta de mão de obra qualificada	54,6
Uruguai	Falta de competitividade internacional	80,0	Barreiras legais e administrativas para os investidores	80,0	Falta de inovação	60,0
América Latina	**Falta de confiança na política econômica**	**61,6**	**Infraestrutura inadequada**	**38,3**	**Instabilidade política**	**36,6**

Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

Todos os temas identificados configuram desafios de solução estrutural e lenta, pois representam gargalos históricos ao desenvolvimento regional. A América Latina continua sem perspectivas claras de superação desses entraves básicos, o que limita avanços sustentáveis na melhoria dos padrões de vida da população.

SEÇÃO 5 (Especial): Avançando na compreensão dos impactos da "Agenda Trump"

O ano de 2025 tem sido marcado por incerteza e volatilidade. As profundas mudanças na política externa americana, conduzidas pela administração Trump, estão gerando ondas de choque comerciais, militares, econômicas e geopolíticas, em um processo que ainda parece longe do fim. Grandes atores globais, como Europa, China, Índia e Japão, reavaliam os seus planos de voo e se preparam para uma nova realidade internacional. Na América Latina, não pode ser diferente.

As mudanças em curso são particularmente importantes, posto que a região está tradicionalmente inserida na esfera de influência americana, mas, nos últimos anos, tem visto uma expansão cada vez maior da importância de outros atores, particularmente a China. Nessa grande rearrumação geoeconômica global, a América Latina é uma área de confluência entre as grandes potências, fato nem sempre adequadamente percebido.

Evidentemente, os impactos dessa reformatação não são homogêneos, respeitando a diversidade entre os países latino-americanos já evidenciada nesse relatório. Surpreende, no entanto, que mesmo os

países tradicionalmente mais próximos dos EUA, como o México, estejam sofrendo. Nas mudanças implementadas pela administração Trump, ninguém passa ileso; isso vale tanto para os aliados históricos como para os países "menos alinhados".

Em termos objetivos, há dois grandes vetores que afetam diretamente as relações entre os Estados Unidos e os países da região. O primeiro é um endurecimento das políticas migratórias sob Trump, restringindo a entrada no território americano e acelerando programas de deportação de residentes (quase sempre ilegais). Muitas economias da América Latina recebem vastas quantias de residentes em território americano, como remessas aos familiares que não emigraram; a redução desses fluxos financeiros pode, em alguns casos, levar a desequilíbrios macroeconômicos (por exemplo, no déficit externo) e gerar um efetivo empobrecimento dos países da região.

O segundo vetor é um recrudescimento da agenda comercial, com a ampla utilização de tarifas de importação com o intuito de "defender os interesses da indústria americana". O aumento do custo dos produtos exportados aos Estados Unidos levará a uma provável redução de volumes e redução da lucratividade das empresas exportadoras dos países latino-americanos. Em última instância, as barreiras comerciais impostas pela administração Trump vão reduzir a renda das economias exportadoras. Novamente, há um risco real de empobrecimento dos países da região.

Há, ainda, outras questões, de natureza militar e na redefinição da importância do dólar americano como moeda de reserva global, que também são relevantes na construção do novo ambiente internacional ao qual as economias latino-americanas serão submetidas. Seus impactos, no entanto, tendem a ser mais indiretos.

Isso posto, a análise ficará mais concentrada nos vetores migratório e comercial/tarifário, que foram abordados nesta edição da Sondagem através de perguntas específicas.

Os efeitos esperados foram divididos em cinco níveis: (i) sem efeitos; (ii) fortemente negativo; (iii) moderadamente negativo; (iv) fortemente positivo; e (v) moderadamente positivo. Respeitando a grande heterogeneidade regional, espera-se percepções muito distintas a respeito dos impactos dessas novas políticas americanas sobre os países latino-americanos.

As diferenças são particularmente marcantes na questão migratória, cujos resultados podem ser observados na tabela 4. Para a região, 42,4% dos respondentes não esperam quaisquer impactos das mudanças em curso, ao passo em que 48,8% enxergam efeitos negativos – que, quando ocorrem, são, em geral, moderados. Menos de 10% dos respondentes esperam efeitos positivos das restrições aos imigrantes nos Estados Unidos.

Tabela 4: Como as políticas migratórias da administração Trump vão impactar o seu país (% dos respondentes)

	Nenhum impacto	Fortemente negativo	Moderado e negativo	Fortemente positivo	Moderado e positivo
Argentina	70,0	0,0	20,0	0,0	10,0
Bolívia	41,7	8,3	41,7	8,3	0,0
Brasil	50,0	0,0	41,7	0,0	8,3
Chile	60,0	0,0	20,0	0,0	20,0
Colômbia	9,1	27,3	54,5	0,0	9,1
Equador	11,1	0,0	66,7	0,0	22,2
México	0,0	42,9	57,1	0,0	0,0
Paraguai	66,7	0,0	33,3	0,0	0,0
Peru	9,1	0,0	90,9	0,0	0,0
Uruguai	80,0	0,0	20,0	0,0	0,0
América Latina	**42,4**	**6,9**	**41,9**	**0,1**	**8,7**

Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

Mais interessante é a diversidade entre os países. Dentre os analisados, México, Colômbia, Equador e Peru são aqueles mais expostos às mudanças nas políticas migratórias americanas. Por regra, os impactos esperados são negativos, com notável exceção do Equador, no qual, a despeito de 66,7% dos respondentes esperarem efeitos moderadamente negativos, tivemos 22,2% dos respondentes esperando efeitos moderadamente positivos das maiores restrições americanas.

Com ligações umbilicais com os Estados Unidos, 100% dos respondentes mexicanos esperam impactos negativos na economia local, sendo que 42,9% enxergam efeitos severos – o maior percentual entre os países. Ressalte-se, também, os casos de Bolívia e Brasil, com distribuição virtualmente bimodal das respostas, entre ausência de efeitos e impactos moderadamente negativos.

Usando os mesmos parâmetros, foram avaliados os impactos das políticas tarifárias americanas na região. A tabela 5 compila os resultados da análise. Ao contrário do ocorrido na questão migratória, emerge um padrão mais evidente: 86,1% dos respondentes enxergam efeitos negativos na economia da América Latina, na imensa maioria moderados. Impactos positivos ou a ausência de impactos são percepções residuais.

Tabela 5: Como as políticas comerciais da administração Trump vão impactar o seu país (% dos respondentes)

	Nenhum impacto	Fortemente negativo	Moderado e negativo	Fortemente positivo	Moderado e positivo
Argentina	0,0	0,0	80,0	0,0	20,0
Bolívia	33,3	16,7	50,0	0,0	0,0
Brasil	8,3	8,3	75,0	0,0	8,3
Chile	0,0	20,0	80,0	0,0	0,0
Colômbia	9,1	18,2	72,7	0,0	0,0
Equador	11,1	0,0	66,7	0,0	22,2
México	0,0	42,9	57,1	0,0	0,0
Paraguai	33,3	0,0	33,3	0,0	33,3
Peru	0,0	9,1	90,9	0,0	0,0
Uruguai	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0
América Latina	**6,1**	**11,9**	**74,2**	**0,0**	**7,8**

Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

Ainda existe diversidade entre os países, porém bem menos marcante. A concentração das respostas em efeitos moderadamente negativos foi quase unânime, com a única exceção notável ocorrendo no Paraguai, no qual há uma perfeita distribuição tripartite entre ausência de efeitos, moderadamente positivos e moderadamente negativos.

Novamente, o resultado para o México é digno de nota, com 100% dos respondentes esperando resultados negativos e a maior proporção (42,9%) de avaliações fortemente negativas entre os países. Importante notar, por fim, que 20% dos respondentes argentinos e 22,2% dos respondentes equatorianos esperam impactos moderadamente positivos em suas economias.

Ressaltamos, por fim, que os temas abordados seguem em constante mutação, fato especialmente claro na questão tarifária. Durante o 2º trimestre de 2025, os Estados Unidos implementaram tarifas recíprocas e específicas (entre abril e maio), atrasaram a sua implementação para o início do 3º trimestre e buscaram acordos comerciais bilaterais com inúmeros países, em princípio com resultados bastante módicos.

Não chegamos a um novo equilíbrio das relações dos Estados Unidos com o mundo. Isso posto, é de se esperar que o reposicionamento global americano evolua, afetando a percepção dos efeitos sobre as economias latino-americanas. Tal possibilidade deverá ser avaliada em edições futuras da Sondagem.

Anexo 1 - Indicador de Clima Econômico - países selecionados, média dos últimos quatro trimestres

País	2025.T1	2025.T2
Argentina	98,4	106,9
Bolívia	11,4	8,3
Brasil	85,4	76,7
Chile	72,5	74,0
Colômbia	71,5	72,0
Equador	55,0	57,3
México	55,7	46,2
Paraguai	149,5	144,8
Peru	107,0	107,4
Uruguai	113,0	106,2
América Latina	**80,4**	**77,6**

Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

Anexo 2 – Série histórica dos indicadores em países selecionados

INDICADOR DA SITUAÇÃO ATUAL (ISA)

	2023.T2	2023.T3	2023.T4	2024.T1	2024.T2	2024.T3	2024.T4	2025.T1	2025.T2	Média 10 anos
Argentina	0,0	15,4	7,7	12,5	15,4	21,4	83,3	85,7	69,2	33,2
Bolívia	23,1	50,0	30,8	16,7	30,8	0,0	0,0	0,0	0,0	73,8
Brasil	28,6	100,0	100,0	100,0	109,1	100,0	125,0	84,6	84,6	39,5
Chile	20,0	22,2	25,0	12,5	37,5	44,4	33,3	50,0	33,3	46,8
Colômbia	90,9	53,8	58,3	40,0	41,7	40,0	20,0	50,0	38,5	73,4
Equador	41,7	41,7	27,3	11,1	46,2	15,4	9,1	10,0	53,8	30,2
México	85,7	125,0	133,3	128,6	109,1	81,8	53,8	16,7	35,3	60,4
Paraguai	130,0	188,9	155,6	166,7	177,8	150,0	163,6	137,5	150,0	113,1
Peru	45,5	36,4	11,1	20,0	36,4	50,0	120,0	110,0	114,3	64,8
Uruguai	100,0	83,3	60,0	120,0	100,0	116,7	114,3	100,0	100,0	81,9
América Latina	**52,1**	**85,7**	**85,1**	**83,5**	**84,2**	**74,3**	**84,1**	**62,8**	**73,4**	51,3

INDICADOR DE EXPECTATIVAS (IE)

	2023.T2	2023.T3	2023.T4	2024.T1	2024.T2	2024.T3	2024.T4	2025.T1	2025.T2	Média 10 anos
Argentina	14,3	46,2	46,2	75,0	130,8	157,1	175,0	157,1	136,4	114,6
Bolívia	15,4	45,5	7,7	25,0	23,1	7,1	7,7	23,1	30,0	57,1
Brasil	92,9	144,4	100,0	130,0	100,0	80,0	50,0	41,7	55,6	119,9
Chile	110,0	144,4	150,0	150,0	100,0	133,3	111,1	87,5	120,0	115,3
Colômbia	30,0	69,2	50,0	110,0	92,3	130,0	100,0	118,2	100,0	108,5
Equador	41,7	58,3	54,5	77,8	100,0	100,0	72,7	110,0	111,1	81,7
México	85,7	112,5	150,0	100,0	58,3	50,0	23,1	58,3	54,5	86,4
Paraguai	150,0	157,1	142,9	142,9	150,0	140,0	144,4	133,3	140,0	134,1
Peru	127,3	145,5	133,3	170,0	145,5	177,8	120,0	120,0	62,5	128,8
Uruguai	140,0	150,0	180,0	160,0	157,1	133,3	85,7	100,0	100,0	120,4
América Latina	**80,3**	**114,2**	**108,0**	**113,7**	**94,3**	**94,2**	**71,8**	**77,8**	**82,9**	106,6

INDICADOR DE CLIMA ECONÔMICO (ICE)

ICE	2023.T2	2023.T3	2023.T4	2024.T1	2024.T2	2024.T3	2024.T4	2025.T1	2025.T2	Média 10 anos
Argentina	7,0	30,3	26,1	41,7	66,9	81,2	125,9	119,4	100,9	70,2
Bolívia	19,2	47,7	18,9	20,8	26,9	3,5	3,8	11,2	14,5	64,2
Brasil	58,8	121,4	100,0	114,6	104,5	89,8	85,0	62,3	69,7	74,9
Chile	61,2	76,6	80,6	72,7	66,9	85,4	69,4	68,1	73,2	77,7
Colômbia	58,7	61,4	54,1	72,8	65,8	81,4	56,9	82,0	67,5	88,0
Equador	41,7	49,9	40,5	42,2	71,8	54,2	38,8	55,1	81,0	53,9
México	85,7	118,7	141,5	114,0	82,6	65,4	38,0	36,6	44,7	72,2
Paraguai	139,9	172,7	149,2	154,6	163,6	145,0	153,9	135,4	145,0	121,9
Peru	83,5	85,8	65,3	85,3	85,8	107,3	120,0	115,0	87,2	94,0
Uruguai	119,4	114,9	114,3	139,4	127,3	124,9	99,7	100,0	100,0	98,7
América Latina	**65,8**	**99,6**	**96,3**	**98,2**	**89,2**	**84,1**	**77,9**	**70,2**	**78,1**	76,9

Fonte: FGV IBRE, FGV Diretoria Internacional

SONDAGEM ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA

Publicação Trimestral da Diretoria Internacional da FGV (FGV DINT) e do Instituto Brasileiro de Economia (FGV IBRE)

Diretor Internacional da FGV: Prof. Marlos Lima

Superintendente de Estatísticas Públicas do FGV IBRE: Aloisio Campelo Jr.

Gerente Internacional da FGV: Klaus Stier

Responsáveis pela Análise: Livio Ribeiro, Marlos Lima e Matheus Rosa Ribeiro

Coordenação Geral: (FGV Diretoria Internacional): Klaus Stier e Michele Diana da Luz

Atendimento à imprensa e contato: international.affairs@fgv.br ou +55 21 3799-6046

Para detalhamento dos aspectos metodológicos dessa Sondagem, entrar em contato com international.affairs@fgv.br